Editorial

[...] importa submeter a própria análise ao esquema operacional que ela nos ensinou, e que consiste em ler, nas diferentes fases de sua elaboração teórico-técnica, o modo de ir mais adiante na reconquista da realidade autêntica do inconsciente pelo sujeito.

Jacques Lacan

DESDE *STYLUS* N. 6 NÃO TEMOS para esta revista um tema específico. Optamos por dar oportunidade a trabalhos de datas e lugares diferentes, ainda não publicados ou que não puderam estar presentes em edições anteriores. Ratificamos que a revista *Stylus*, apesar de ter suas normas, está aberta aos que queiram entrar nessa interlocução heterogênea, animada pelos estilos de cada um. Neste número, está declarada e efetivada essa idéia. Todos os textos desta edição passaram por alguma forma de exposição, jornadas, colóquios, encontros, alguns por mais de uma prova e daí reelaborados e concluídos na escrita em que finalmente se decantaram.

Nos *Ensaios* que articulam a práxis psicanalítica, temos nas primeiras conferências uma autora e duas versões para o fim de análise, matemática e poética. Em uma terceira conferência, a histeria, que sempre corre o risco de ser mal ou destratada, é retomada como estrutura e discurso à luz de nossos dias, convocando o psicanalista em sua escuta. Pela via da topologia, vemos a nada clássica "soma disjuntiva" mostrando a complexidade da operação de negação na psicanálise e sua participação em articulações fundamentais.

Em *Trabalho crítico com os conceitos,* comparece a colaboração de autores que se deixaram instigar no exercício da práxis da teoria por temas muito pouco explorados: o da retórica da qual Lacan se vale na via ética da interpretação; as tensões geradas entre o discurso analítico e o discurso histérico, mais incompatíveis que afinados em relação ao saber; uma lapidação conceitual que faz brilharem noções repetidas e desgastadas em clara novidade; a pulsão revisitada em sua epistemofilia e conduzida, pelo fio do desejo, até o gaio saber; o questionamento do sintoma no alcoolismo, desde sua vertente emudecida que faz gozo no corpo, ao descobrir-se mais abordável em seu *delirium,* por implicar o sujeito onírico do inconsciente.

A clínica da neurose predomina em *Direção do tratamento* e comparece nos artigos trabalhados em construções de casos e em sua incidência na teoria. Os textos percorrem versões da histeria e da obsessão em homens e mulheres nas quais os sintomas são interrogados em seus pontos de gozo que, configurando a estrutura, orientam o tratamento. Estar sujeito ao gozo é o que vemos no caso de psicose apresentado em sua tentativa incessante e delirante de significar. Por meio de Lacan, retomando Freud, o inevitável, e outros autores, a experiência analítica aqui se reinaugura, se elabora e se expõe, permitindo que a psicanálise interrogue sua prática.

Sabemos que escrever a clínica e a teoria psicanalíticas faz parte desse laço social que o discurso analítico promove. Escrever é um trabalho no qual, se na arte ainda pode haver alguma dúvida, com certeza há mais transpiração que inspiração. O que temos aqui impresso é um trabalho, um trabalho de luto que precipita o produto do esforço de tornar legível o que é indizível no ofício analítico, sem o conforto de apenas aplicar a doutrina. Que a produção possa se tornar causa de novas questões e elaborações é o que desejamos.

Neste número, em que os textos já têm uma história, tampouco a entrevista pegou nosso entrevistado de surpresa. As perguntas foram feitas com base em um denso e longo trabalho de Jairo Gerbase na tessitura cifrada da enunciação lacaniana em *Radiofonia.*

As resenhas revelam o quanto seus feitores se dedicaram ao desafio que impõe o livro eleito. Mais que se referir ao conteúdo impresso, resenhar pode ser tornar visível pelo leitor, sobre esse que aí se debruça, o efeito do texto, da letra cunhada no desejo e gozo de uma autoria singular.

Essas escutas e leituras na materialidade d'*alíngua* deixam a pergunta: o que nos faz avançar na psicanálise? Talvez seja o efeito da letra ferina que nos avança, rasga nossas convicções, sangra nosso saber, provocando o desejo de busca renovada em que cada um, em sua escritura, segue adiante, retratando essa ferida que nunca admite um único *phármakon.*

Bárbara Guatimosim